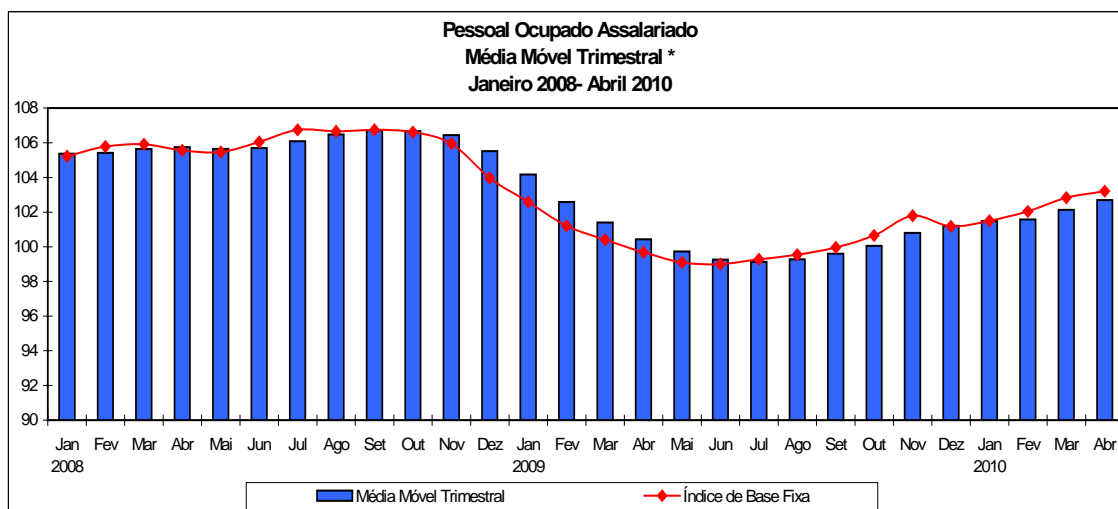


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em abril de 2010, o pessoal ocupado assalariado no setor industrial avançou 0,4% frente ao mês anterior, na série livre de influências sazonais, acumulando 2,0% de expansão nos últimos quatro meses de taxas positivas. Com isso, o índice de média móvel trimestral, ao crescer 0,6% entre os trimestres encerrados em março e abril, manteve a trajetória ascendente iniciada em julho de 2009.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

No confronto com abril de 2009, a taxa de 3,3% observada no pessoal ocupado é a mais elevada da série histórica desde os 3,5% assinalados em fevereiro de 2008. Com isso, o indicador acumulado nos quatro primeiros meses do ano atingiu 1,3%, acelerando o ritmo frente ao fechamento do primeiro trimestre (0,7%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, acentuou a redução no ritmo de queda iniciada em dezembro do ano passado, ao passar de -4,1% em março para -3,4% em abril.

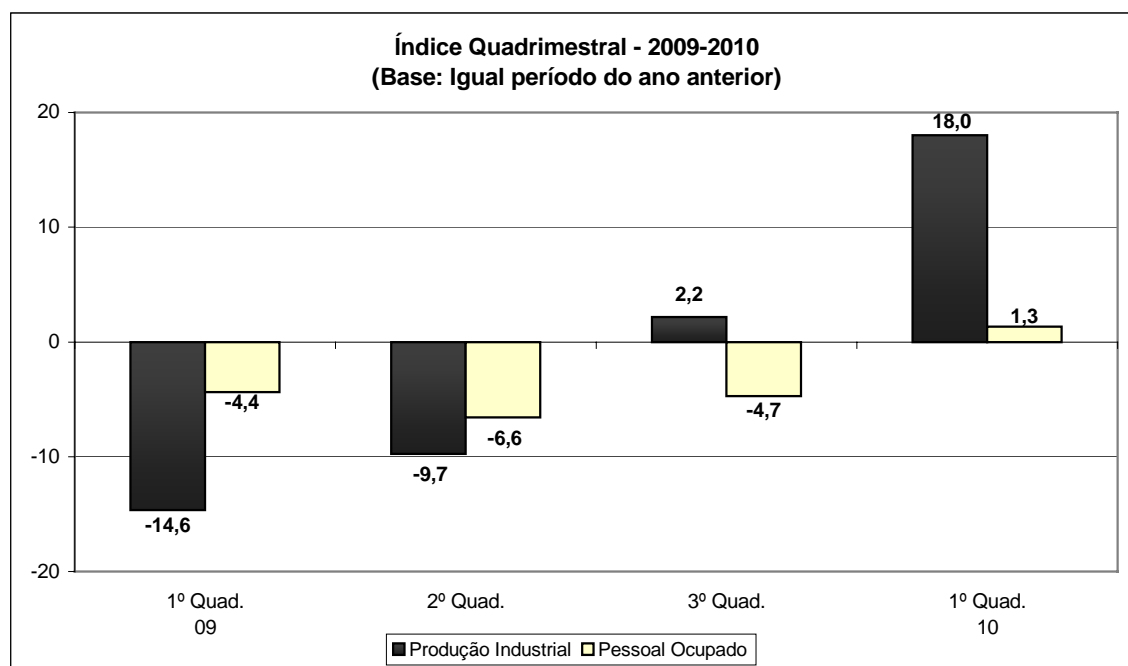
No índice mensal (3,3%), o emprego industrial apontou o terceiro resultado positivo consecutivo, com os quatorze locais investigados assinalando taxas positivas. O principal impacto para a formação da média global ficou com São Paulo (2,8%), seguido pela região Nordeste (5,8%), Rio Grande do Sul (4,9%), região Norte e Centro-Oeste (4,6%) e Ceará (8,9%). No

estado paulista, houve acréscimo em doze setores, com destaque para alimentos e bebidas (4,4%), têxtil (11,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (7,3%), vestuário (6,5%) e meios de transporte (3,4%). Na região Nordeste, os ramos que mais influenciaram positivamente as contratações foram calçados e couro (17,6%) e alimentos e bebidas (6,7%), enquanto na indústria gaúcha destacaram-se máquinas e equipamentos (9,6%), outros produtos da indústria de transformação (12,7%), borracha e plástico (13,5%) e meios de transporte (7,7%). Na região Norte e Centro-Oeste e no Ceará, alimentos e bebidas (4,6%) e minerais não metálicos (24,2%); e calçados de couro (19,6%) e alimentos e bebidas (8,8%) exerceram, respectivamente, as principais pressões positivas no resultado global destas áreas.

No total do país, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, a maioria (13) dos dezoito segmentos pesquisados ampliou o contingente de trabalhadores, com destaque para as influências positivas vindas de alimentos e bebidas (2,7%), produtos de metal (6,9%), máquinas e equipamentos (5,8%), calçados e couro (7,0%), meios de transporte (4,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,7%) e têxtil (7,1%). Por outro lado, entre os cinco ramos que apontaram queda, o setor de madeira (-8,7%) foi o que exerceu o impacto negativo mais relevante.

O indicador acumulado fechou o primeiro quadrimestre do ano com crescimento de 1,3%, revertendo a queda observada no último quadrimestre do ano (-4,7%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Nos primeiros quatro meses do ano, doze locais e doze ramos ampliaram o pessoal ocupado no setor industrial. Entre os locais, São Paulo (1,6%), região Nordeste (3,3%), Ceará (8,1%) e Rio Grande do Sul (1,6%) figuram como as principais influências positivas sobre a média global, enquanto Minas Gerais (-1,1%) e Paraná (-0,4%) apontaram as duas únicas taxas negativas. Setorialmente, as contribuições positivas mais relevantes ficaram com alimentos e bebidas (1,7%), calçados de couro (4,9%), papel e gráfica (4,6%) e têxtil (5,1%). Por outro lado, madeira (-11,0%) e vestuário (-2,3%) registraram as pressões negativas mais importantes.

Em síntese, o emprego industrial permaneceu em abril com o quadro de taxas positivas. Na evolução dos índices ajustados sazonalmente observa-se a manutenção da sequência de taxas positivas, tanto na comparação com o mês imediatamente anterior como no indicador de média móvel trimestral. No confronto com igual mês de 2009, os resultados continuaram positivos, com o índice mensal (3,3%) atingindo a taxa mais elevada desde fevereiro de 2008 (3,5%), refletindo não só o aumento nas contratações neste início de 2010, mas também a baixa base de comparação, decorrente dos efeitos da crise econômica internacional. Na análise por quadrimestres, assim como a produção industrial que acelera o ritmo entre o terceiro quadrimestre de 2009 (2,2%) e o primeiro de 2010 (18,0%), o pessoal ocupado assalariado acompanhou este movimento, ao crescer 1,3% nos quatro primeiros meses do ano, revertendo as taxas negativas assinaladas em todos os quadrimestres de 2009 (-4,4% no primeiro, -6,6% no segundo e -4,7% no terceiro), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior.

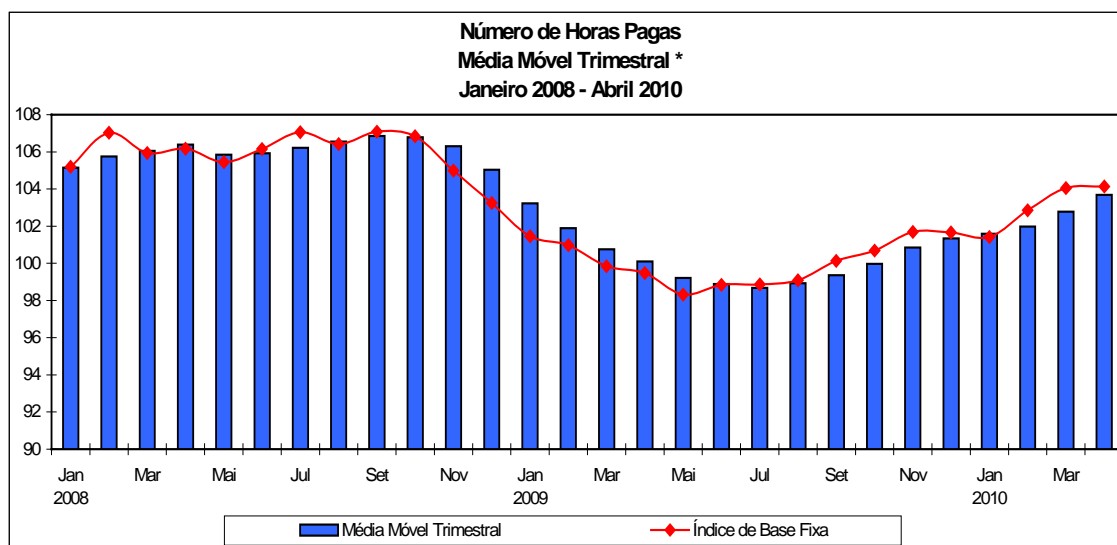


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

NÚMERO DE HORAS PAGAS

O número de horas pagas na indústria, em abril de 2010, ficou praticamente estável (0,1%) frente ao mês imediatamente anterior, na série livre dos efeitos sazonais, após ter avançado 1,4% em fevereiro e 1,2% em

março. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral, ao avançar 0,9% entre abril e março, manteve a trajetória ascendente iniciada em julho de 2009.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

A comparação com igual mês do ano anterior registrou crescimento de 4,2%, terceira taxa positiva consecutiva e o maior avanço desde dezembro de 2004 (4,7%). Com isso, o indicador acumulado nos quatro primeiros meses do ano cresceu 2,4%, ritmo superior ao acumulado até o fechamento do primeiro trimestre (1,8%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, em trajetória ascendente desde janeiro de 2010, passou de -4,0% em março para -3,1% em abril, queda menos intensa desde junho de 2009 (-2,3%).

No indicador mensal, o número de horas pagas avançou 4,2%, com crescimento nos quatorze locais e em quatorze dos dezoito ramos pesquisados. No corte setorial, as principais pressões positivas vieram de meios de transporte (9,3%), alimentos e bebidas (3,1%), máquinas e equipamentos (8,6%) e produtos de metal (7,1%). Por outro lado, entre os quatro ramos com taxas negativas, a contribuição negativa mais relevante no cômputo geral ficou com o setor de madeira (-7,8%).

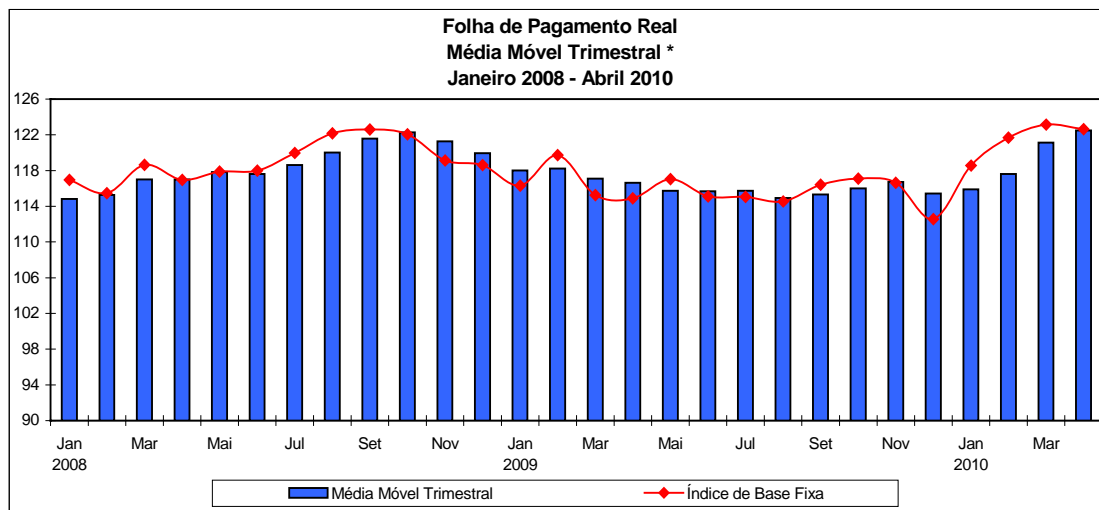
Ainda no confronto abril 10 / abril 09, entre os locais, São Paulo (4,0%) foi o que exerceu o maior impacto positivo no resultado nacional, seguido por região Nordeste (5,6%), Rio Grande do Sul (5,8%), região Norte

e Centro-Oeste (4,8%) e Rio de Janeiro (5,9%). Na indústria paulista, treze atividades aumentaram o número de horas pagas, com destaque para meios de transporte (7,6%), alimentos e bebidas (4,7%) e têxtil (13,4%). Na indústria nordestina, calçados e couro (16,2%) e alimentos e bebidas (6,2%) assinalaram as principais influências, enquanto no Rio Grande do Sul, máquinas e equipamentos (13,3%), outros produtos da indústria de transformação (17,2%) e meios de transporte (15,2%) exerceram as pressões positivas mais importantes. Nas indústrias da região Norte e Centro-Oeste e do Rio de Janeiro, os destaques foram, respectivamente: minerais não metálicos (25,6%) e alimentos e bebidas (3,3%); e meios de transporte (19,2%) e metalurgia básica (29,2%).

Na análise quadrimestral, o número de horas pagas ao crescer 2,4% no primeiro quadrimestre deste ano, reverteu as quedas observadas no primeiro (-5,3%), segundo (-7,1%) e terceiro (-4,3%) quadrimestres de 2009, todas as comparações contra igual período do ano anterior. Na formação do índice acumulado para os quatro primeiros meses de 2010, todos os locais e quatorze atividades apontaram taxas positivas. Setorialmente, os principais impactos positivos vieram de alimentos e bebidas (2,7%), meios de transporte (5,5%), máquinas e equipamentos (5,0%), papel e gráfica (5,5%), calçados e couro (4,4%) e têxtil (5,1%), enquanto as indústrias da madeira (-11,2%) e de vestuário (-2,1%) exerceram as influências negativas mais expressivas. Entre os locais, São Paulo (3,1%), região Nordeste (3,5%), Ceará (8,2%), Rio Grande do Sul (2,3%) e Rio de Janeiro (3,5%) foram os que mais pressionaram positivamente a média global.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em abril de 2010, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 0,4% em relação ao mês imediatamente anterior, após ter crescido por três meses seguidos e acumulado acréscimo de 9,4% nesse período. Com estes resultados, o índice de média móvel trimestral avançou 1,1%, quarta taxa positiva consecutiva, com ganho acumulado de 6,1% desde janeiro de 2010.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

No comparação com abril de 2009, o valor da folha de pagamento real cresceu 5,4% e assinalou o quarto resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação. O indicador acumulado nos quatro primeiros meses do ano também exibiu expansão (3,8%), enquanto o indicador acumulado nos últimos doze meses, em trajetória ascendente desde dezembro de 2009 (-2,7%), avançou 0,5 ponto percentual entre os meses de março (-1,8%) e abril (-1,3%).

O valor da folha de pagamento real aumentou 5,4% frente a igual mês do ano anterior, com taxas positivas em todos os quatorze locais pesquisados. A maior contribuição positiva sobre a média global ficou com São Paulo (3,2%), apoiado em grande parte nos acréscimos de alimentos e bebidas (9,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (12,5%) e minerais não metálicos (14,9%). Vale citar também os impactos vindos do Rio de Janeiro (10,1%), influenciado pelos ganhos observados em meios de transporte (38,1%) e indústrias extrativas (6,1%); Paraná (9,3%), por conta de meios de transporte (15,3%) e máquinas e equipamentos (21,0%); e Rio Grande do Sul (7,9%), em razão dos incrementos no valor da folha de pagamento real registrados nos setores de máquinas e equipamentos (14,0%) e meios de transporte (18,3%).

Setorialmente, ainda no indicador mensal, o valor da folha de pagamento real cresceu em dezessete dos dezoito setores industriais, com as maiores influências positivas sendo assinaladas por alimentos e bebidas

(6,7%), máquinas e equipamentos (7,0%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (10,0%), meios de transporte (3,0%) e minerais não metálicos (10,5%). Em sentido contrário, a única taxa negativa no valor da folha de pagamento real ficou com o setor de madeira (-5,1%).

O indicador acumulado nos quatro primeiros meses do ano apresentou expansão de 3,8%, revertendo as quedas observadas no primeiro (-0,7%), segundo (-3,3%) e terceiro (-3,9%) quadrimestres de 2009, todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Na formação da taxa de 3,8%, todos os locais mostraram incremento no valor da folha de pagamento real, com destaque para os impactos de São Paulo (2,5%), Rio de Janeiro (8,9%) e Paraná (7,2%). Nestes locais, os maiores acréscimos na massa salarial foram observados, respectivamente, em papel e gráfica (13,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (15,4%) e alimentos e bebidas (5,4%); meios de transporte (24,6%), produtos químicos (12,7%) e indústrias extrativas (5,3%); e máquinas e equipamentos (17,3%), meios de transporte (9,6%) e produtos químicos (23,6%).

Em termos setoriais, quinze das dezoito atividades expandiram o valor real da folha de pagamento, com alimentos e bebidas (4,9%), papel e gráfica (10,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (10,1%), meios de transporte (2,7%) e produtos químicos (4,4%) exercendo as principais contribuições positivas. Por outro lado, as três pressões negativas sobre a média da indústria nos quatro primeiros meses do ano foram metalurgia básica (-2,9%), madeira (-7,7%) e produtos de metal (-0,5%).